

# LABORATÓRIO DE LEITURA

Maria Cláudia Teixeira

Caros alunos,

Esse ebook é um pdf interativo. Para conseguir acessar todos os seus recursos, é recomendada a utilização do programa Adobe Reader 11.

Caso não tenha o programa instalado em seu computador, segue o link para download:

<http://get.adobe.com/br/reader/>

Para conseguir acessar os outros materiais como vídeos e sites, é necessário também a conexão com a internet.

O menu interativo leva-os aos diversos capítulos desse ebook, enquanto as setas laterais podem lhe redirecionar ao índice ou às páginas anteriores e posteriores.

Nesse *pdf*, o professor da disciplina, através de textos próprios ou de outros autores, tece comentários, disponibiliza links, vídeos e outros materiais que complementarão o seu estudo.

Para acessar esse material e utilizar o arquivo de maneira completa, explore seus elementos, clicando em botões como flechas, linhas, caixas de texto, círculos, palavras em destaque e descubra, através dessa interação, que o conhecimento está disponível nas mais diversas ferramentas.

Boa leitura!

# SUMÁRIO

# APRESENTAÇÃO

Caro aluno,

Neste material vocês terão acesso a materiais que tratam da leitura, do texto, dos gêneros textuais, do plágio e das normas da ABNT, leituras essenciais para a sua formação acadêmica. Além disso, há indicações de vídeos e links, que facilitarão a compreensão dos temas discutidos. Não deixem de fazer as leituras e acessar os vídeos e links, pois esses são primordiais para o alcance de resultados bem sucedidos, não só nesta disciplina, mas em toda a sua trajetória acadêmica.

# UNIDADE I - LEITURA

Nesta primeira unidade faremos uma reflexão em torno da leitura de modo que se compreenda o que é ler, como ler, quais são as concepções e estratégias de leitura, para mostrar que a atividade de leitura vai muito além da decodificação, pois esta exige conhecimentos que extrapolam o domínio da língua e começa muito antes de dominá-la. Vocês verão que não basta saber ler para ler com eficiência e que atingir um nível eficiente e competente de leitura é requisito necessário para o pleno exercício da cidadania.

## A IMPORTÂNCIA DA LEITURA

Se pararmos para refletir um pouco, lemos muito mais do que produzimos textos escritos, estamos o tempo todo em contato com diferentes tipos de leitura, de textos, de imagens, de gestos, enfim, o sujeito é intimado a ler o tempo todo, mesmo assim esta é uma habilidade que aponta para índices preocupantes, porque, muitas vezes, o sujeito não consegue ultrapassar o nível da decodificação, o nível superficial e estrutural de um texto, seja ele **verbal** ou **não-verbal**.

**Verbal** refere-se ao uso da escrita ou da fala como meio de comunicação.

**Não-verbal** é o uso de imagens, desenhos, símbolos, figuras, postura corporal, pintura, mímica, gestos, enfim, refere-se ao uso de outros recursos, que não a fala e a escrita, como meio de comunicação.

Um modo de se verificar isso são os resultados obtidos no Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA), que avalia o desempenho de estudantes de escolas públicas, particulares, rurais e urbanas, de diferentes países, com vistas a melhorar as políticas e resultados educacionais. Em 2000, primeiro ano do evento, alunos de 32 países realizaram a avaliação de

matemática, leitura e ciências. O Brasil ocupou a última colocação. Em 2015, com 72 países participantes, o Brasil ocupou a posição 59 em leitura, ou seja, as habilidades de leitura dos alunos brasileiros estão bastante abaixo do esperado, o que implica na incapacidade de compreensão, interpretação, argumentação e crítica, o que afeta a participação ativa do sujeito na sociedade, tornando-o alienado acrítico e marginal às discussões intelectuais, políticas e econômicas, afetando seu bem estar e sua autonomia, tornando-o dependente e oprimido, contribuindo para a manutenção de um status quo de manipulação do sujeito.

De acordo com Antunes (2009, p. 193), é por meio da leitura que o sujeito tem “[...] acesso ao imenso acervo cultural constituído ao longo da história dos povos.” e a possibilidade de ampliação dos repertórios de informação. Ainda segundo a autora, pela leitura o sujeito tem acesso a novas ideias, concepções, perspectivas, informações. Ou seja, a leitura é a base de todo conhecimento, pela leitura o sujeito age, debate, forma opinião.

A leitura nos confere [o] poder de enxergar e perceber o que nos circunda, a fim de, como cidadãos, assumirmos nossos diferentes papéis na construção de uma sociedade que respeita a lógica do bem coletivo e dos valores humanos (ANTUNES, 2009, p. 193).

Do modo como foi colocado até aqui, fica claro que a leitura, assim como a escrita, é condição necessária para a sobrevivência e deve ser entendida, de acordo com Costa e Salces (2013, p. 10), “[...] como uma importante atividade de participação plena e consciente na vida pessoal, acadêmica, profissional e social do indivíduo.” Isto posto, reflita sobre a sua posição diante da leitura. Como você lê? Tem interagido com o texto escrito? Se não tem feito isto está mais do que na hora de fazer. Ultrapasse os limites estruturais, pergunte, construa sentidos.

Ninguém nasce sabendo ler, esta é uma atividade sempre em processo que se inicia muito antes da leitura da palavra escrita, do código, e vai se aprimorando, se modificando conforme as diferentes experiências. Tenha sempre em mente que a decodificação e a localização de informações não são suficientes para compreender, dar sentido ao texto. Assim como muitas outras atividades realizadas no dia a dia, a leitura precisa ser praticada, trabalhada.

## CONCEPÇÕES DE LEITURA

Que a atividade de leitura é de suma importância e primordial para que o sujeito exerça seu papel de cidadão na sociedade é indiscutível, como enfatizado acima, mas afinal: O que é ler? Como ler? Para que ler?

Certamente diferentes respostas são dadas a essas perguntas. Essas diferentes definições demonstram diferentes concepções de língua. De acordo com Fuza, Ohuschi e Menegassi (2011, p. 479), “[...] cada momento social e histórico demanda uma percepção de língua, de mundo, de sujeito, demonstrando o caráter dinâmico da linguagem no meio social em que atua.” Segundo os autores, com base em Geraldi (1984), há três concepções: linguagem como expressão do pensamento, linguagem como instrumento de comunicação e linguagem como forma de interação.

### *LINGUAGEM COMO EXPRESSÃO DO PENSAMENTO*

A concepção de linguagem como expressão do pensamento preconiza, conforme pontua Perfeito (2005, p. 28), que:

[...] a expressão é produzida no interior da mente dos indivíduos. E da capacidade de o homem organizar a lógica do pensamento dependerá a exteriorização do mesmo (do pensamento), por meio de linguagem articulada e organizada. Assim a linguagem é considerada a tradução do pensamento.

Dito de outro modo, por esta concepção, aquele que não fala, escreve ou se expressa bem, não pensa bem. Perfeito (2005) destaca que esta concepção permeou o ensino de língua portuguesa no Brasil até a década de 60, deixando resquícios até a atualidade. Você já deve ter feito exercícios gramaticais do tipo certo e errado, seguindo regras estabelecidas pelas normas do bem falar e escrever, afinal falar e escrever bem evidenciam o pensamento organizado. Essa concepção reduz a linguagem a um conjunto de regras.

A leitura, nesta concepção, é sinônimo de extração de sentidos. Ao leitor cabe captar do texto escrito os sentidos fixados pelo autor. Não existe espaço para interpretação, como se

os sentidos fossem dados, naturalizados e transparentes. Se o autor disse que havia uma pedra no meio do caminho é porque havia uma pedra no meio do caminho. Vale destacar, como coloca Perfeito (2005), que a atividade de leitura, predominante neste enfoque, valoriza a oratória, pois ler adequadamente, com ritmo, pausas, ênfases, bastava para a compreensão das regras e posterior produção textual. A boa leitura oral, de carreirinha, comprovava um pensamento organizado.

### ***LINGUAGEM COMO INSTRUMENTO DE COMUNICAÇÃO***

Na concepção de linguagem como instrumento de comunicação, a língua é vista “[...] como um código capaz de transmitir uma mensagem de um emissor a um receptor, isolada de sua utilização.” (PERFEITO, 2005, p. 33). Isso significa dizer que as determinações sócio-históricas não são levadas em conta, o foco é o código, a mensagem, desconsiderando-se, portanto, o contexto, o social. Havia preocupação com o expressar bem e receber bem uma mensagem, mas não com a troca de mensagens na comunicação, sendo esta, portanto, unilateral. Dessa forma, o emissor, ao transmitir uma mensagem a um receptor:

[coloca-a] em código (codificação) e a remete para o outro através de um canal (ondas sonoras ou luminosas). O outro recebe os sinais codificados e os transforma de novo em mensagem (informações). É a decodificação (TRAVAGLIA, 1996, p. 22-23).

Assim, de acordo com Fuza, Ohuschi e Menegassi (2011), a linguagem, nesta concepção, é concebida como ferramenta, empregada para transmitir uma mensagem, a partir de um código (padrão), desconsiderando as demais variedades da língua.

A atividade de leitura, assim, não difere muito da concepção anteriormente apresentada, pois também se limita à extração de sentidos. Conhecer e dominar o código é suficiente, pois tudo o que o leitor precisa fazer é decodificar, uma vez que tudo está dito no texto. Segundo Koch e Elias (2011, p. 10), tanto nesta, quanto na outra concepção de linguagem, “[...] o leitor é caracterizado por realizar uma atividade de reconhecimento, de reprodução.”

## ***A LINGUAGEM COMO FORMA DE INTERAÇÃO***

Diferente das concepções apresentadas anteriormente, ambas monológicas, nesta, o enfoque é para as “[...] relações sociais em que os falantes atuam como sujeitos. O diálogo, assim, de forma ampla, é tomado como caracterizador da linguagem.” (PERFEITO, 2005, p. 47). Deste modo, têm-se uma concepção dialógica da linguagem.

No Brasil, o nome mais influente dos teóricos que concebem a linguagem com ênfase na interação dialógica é o do filósofo russo Mikail Bakhtin (2006, p. 127), que considera que “[...] a verdadeira substância da língua [é constituída] pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações.” Neste sentido, toda a enunciação é determinada de acordo com fatores exteriores, não é a atividade mental que determina aquilo que deve e pode ser dito, mas sim a exterioridade. Assim, a estrutura da enunciação é de natureza social, o meio e os participantes da comunicação verbal dão forma à enunciação, influenciando no que se tem a dizer, nos objetivos do que se tem a dizer e na escolha das estratégias linguísticas, estilísticas e discursivas para dizer.

Neste link você encontrará a definição de enunciação:

A interação social é constituída pela palavra, sendo esta a mediadora entre o individual e o social. Todo ato de comunicação prevê a presença de um locutor e, inevitavelmente, a de um interlocutor. Segundo Bakhtin (2006), mesmo um monólogo projeta um interlocutor,

[...] a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. A palavra dirige-se a um interlocutor: ela é função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar do mesmo grupo social ou não, se esta for superior ou inferior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc.) (BAKHTIN, 2006, p. 116).

Considerando a concepção dialógica da linguagem de vertente bakhtiniana, toda e qualquer situação de comunicação, quer oral ou escrita, projeta um interlocutor, pois há sempre uma resposta ou mesmo uma reação ao que está sendo lido ou ouvido.

O discurso escrito é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio, etc. (BAKHTIN, 2006, p. 128).

Diferente das concepções anteriores, aqui a leitura se realiza na relação autor-texto-leitor, pois os sentidos do texto são construídos na interação texto-sujeitos. Os sentidos não estão dados ou fechados, mas constituem-se na interação do leitor com o texto. Tais sentidos realizam-se, de acordo com Koch e Elias (2011, p. 11), “[...] com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo.” É preciso interagir com a leitura e isso se dá pela mobilização de diferentes conhecimentos que o sujeito tem armazenado em sua memória. Daí que a leitura de um mesmo texto terá diferentes efeitos de sentido, pois é realizada por diferentes sujeitos, com diversificado conhecimento sobre a língua, sobre o mundo, sobre política, religião, sociedade. Assim, a leitura admite variados sentidos/interpretações, mas não qualquer um, pois o texto deixa pistas que devem ser seguidas pelo leitor.

Para saber mais sobre as concepções de linguagem acesse o link e assista a aula. Nessa vídeo-aula a professora tratará das concepções de linguagem de forma bastante explicativa.

É esta terceira concepção que adotaremos nessa disciplina, já que para que um leitor torne-se proficiente precisa interagir com o texto. Nesta concepção a atividade de leitura é complexa, pois exige muito mais que o conhecimento do código da língua, espera-se que o leitor posicione-se diante do texto, criticando-o, questionando-o, contradizendo-o, avaliando-o, enfim, dando sentido e significado ao que lê e, para isso, precisa lançar mão de múltiplos conhecimentos.

## COMO LER?

Essa parece ser uma pergunta sem sentido, afinal sabemos ler, não é mesmo? Sabemos o código, sabemos que a leitura é linear, de cima para baixo e da esquerda para a direita, conhecemos as pontuações, as pausas que elas indicam, as ênfases. Enfim, parece que estamos tendo estes conhecimentos, preparados e munidos para realizar a leitura de qualquer texto. Mas isto basta? Conseguimos ler e compreender qualquer texto? Interpretamos um texto sempre da mesma maneira? Há um sentido único para o texto? A resposta para todas essas questões é não.

Tomando a leitura como uma atividade de produção de sentidos é preciso levar em conta “[...] os conhecimentos do leitor, condição fundamental para o estabelecimento da interação, com maior ou menor intensidade, durabilidade, qualidade.” (KOCH; ELIAS, 2011, p. 19). Deste modo, pode-se afirmar que não há um sentido único para o texto, mas o sentido, pois na atividade de leitura, além de saber o código, será ativado “[...] lugar social, vivências, relações com o outro, valores da comunidade, conhecimentos textuais.” (idem), que diferem de um sujeito para o outro, o que implica na aceitação de uma “[...] pluralidade de leituras e de sentidos em relação ao mesmo texto.” (KOCH; ELIAS, 2011, p. 21).

Para compreender melhor essa noção de pluralidade de leitura para o mesmo texto, leia o texto de Caco Galhardo, cartunista da Folha de São Paulo, que mostrou 36 leituras diferentes para um mesmo texto (um mosquito esmagado na parede), dependendo do leitor, seus conhecimentos, vivências, crenças, lugar social:

Koch e Elias (2011, p. 21), enfatizam que isso tudo não quer dizer que o leitor possa ler qualquer coisa em um texto, “[...] pois o sentido não está apenas no leitor, nem no texto, mas na interação autor-texto-leitor.” O leitor precisa considerar as pistas do texto, além dos conhecimentos que já possui e que mobiliza para realizar a leitura, não dá para fazer conjecturas e tirar conclusões não permitidas pelo texto. Veja o exemplo abaixo:

Esta é uma charge do brasileiro Carlos Latuff publicada em 2010, no momento em que se discutia a questão do aborto como arma política das eleições presidenciais. O tema do aborto é bastante discutido, polêmico e divide opiniões. Neste caso o autor da charge faz uma crítica ao conservadorismo religioso em torno da temática, que se posiciona contra o aborto, argumentando a favor da vida. O que se lê é que a vida é propriedade da igreja, representante de Deus na terra. O modo como estão representadas as figuras religiosas, remete à imagem de seguranças, guardacostas, protetores e defensores daquele que ainda vai nascer. Deste modo, não cabe à mãe decidir, o filho não é dela, mas da igreja, o que limita a mulher. Este é um dos sentidos possíveis para esta leitura. Note que este sentido segue as pistas deixadas no texto. Quando realizamos uma leitura, qualquer leitura, tudo o que já foi dito sobre o tema abordado retorna em forma de memória. Aqui o tema é o aborto e este desliza para questões religiosas, então retornam memórias sobre a igreja também e aí está o perigo e a complexidade da leitura, pois nem tudo será permitido. Não dá para dizer, por exemplo, que a criança que a mulher espera pode ser filho do padre porque em sua barriga tem a inscrição propriedade eclesiástica, isso extrapola o texto e força um sentido impossível, dadas as condições de produção . Uma leitura como essa é a que dizem por aí: “Viajou na maionese”.

“Nuggets sabor chamequinho”.

Como dito anteriormente, na realização da leitura retornam memórias, mas não só isso, outros conhecimentos são mobilizados pelo leitor como: conhecimento linguístico, conhecimento enciclopédico e conhecimento interacional.

## **CONHECIMENTO LINGUÍSTICO**

Refere-se ao conhecimento gramatical e lexical da língua. Para realizar a leitura e compreender o texto o leitor precisa saber sobre a estrutura da língua, sua organização, suas regras, para entender como as frases se encadeiam no texto, o significado das palavras; e quanto maior o domínio do conhecimento linguístico mais fácil será produzir um sentido para o texto. A competência vocabular do sujeito é importante para a leitura, pois quanto maior o repertório mais fácil e fluido será o ato de ler. Quanto mais o sujeito ler mais ampliará o seu vocabulário.

## **CONHECIMENTO ENCICLOPÉDICO**

Este conhecimento, mobilizado no momento da leitura, refere-se aos conhecimentos de mundo adquiridos pelo leitor a partir de suas vivências. Trata-se de todo saber experienciado pelo leitor, de alguma forma, suas memórias, “[...] modelos de fatos, situações e episódios socioculturalmente determinados e que nos possibilitam, no momento das leituras, completar falhas ou lacunas encontradas na superfície textual.” (COSTA; SALCES, 2013, p.13). Observe o exemplo:

Na página do facebook dedicada à série americana de TV Bates Motel, a seguinte mensagem foi postada: “[...] Você sabe de alguma menina que responda agora para fazer um programa?”. A pergunta mostra o desconhecimento do autor do comentário sobre a série. Nota-se, pelo comentário, que ele entende motel como lugar de encontros amorosos e é este conhecimento de mundo que mobiliza. Entretanto, para os norte-americanos, significa hotel localizado na beira de estradas. Além disso, trata-se de uma ficção, fator ignorado pelo autor do comentário, o que acarreta em equívoco, erro de leitura.

Reprodução na página Português da Depressão.

## CONHECIMENTO INTERACIONAL

De acordo com Costa e Salces (2013), o conhecimento interacional refere-se às formas de interação através da linguagem. Segundo as autoras esse conhecimento “[...] permite ao leitor, por exemplo, reconhecer os propósitos do produtor textual (autor) ou então identificar o gênero textual característico de uma situação comunicativa específica.” (COSTA; SALCES, 2013, p. 15). Devido ao nosso contexto atual você deve ter visto muitos textos posto em circulação, fazendo referência à operação “Carne Fraca”. Um deles foi um anúncio de “nuggets sabor chamequinho”, no qual o autor anuncia, ironicamente, a venda de “nuggets sabor chamequinho”. Para compreender o humor, o leitor precisa mobilizar os seus conhecimentos de mundo acerca do que é um nuggets e do contexto que envolve a marca, bem como conhecer o chamequinho, marca de papel. O autor faz uso do humor para criticar a fornecedora de carne e embutidos, denunciada pela polícia federal por esquema de fraudes e carnes adulteradas, esse sentido será impresso pelo leitor na interação com o texto e com o autor.

“Nuggets sabor chamequinho”.

Como você pode ver, a compreensão do texto decorre da parceria entre autor, texto e leitor com os seus conhecimentos prévios, no momento da leitura. Se o leitor não souber da situação, das condições que levaram à produção o texto não fará sentido.

### **Lembre-se:**

Ao interpretar um texto, tente responder às seguintes perguntas: Quem? Para quem? O quê? Quando? Onde? Como? E não se esqueça de explorar se as respostas a essas perguntas mudam ao longo da história e em relação a sujeitos ou posições sociais e ideológicas diferentes. Questione! Conteste! Não se satisfaça com respostas óbvias ou prontas.

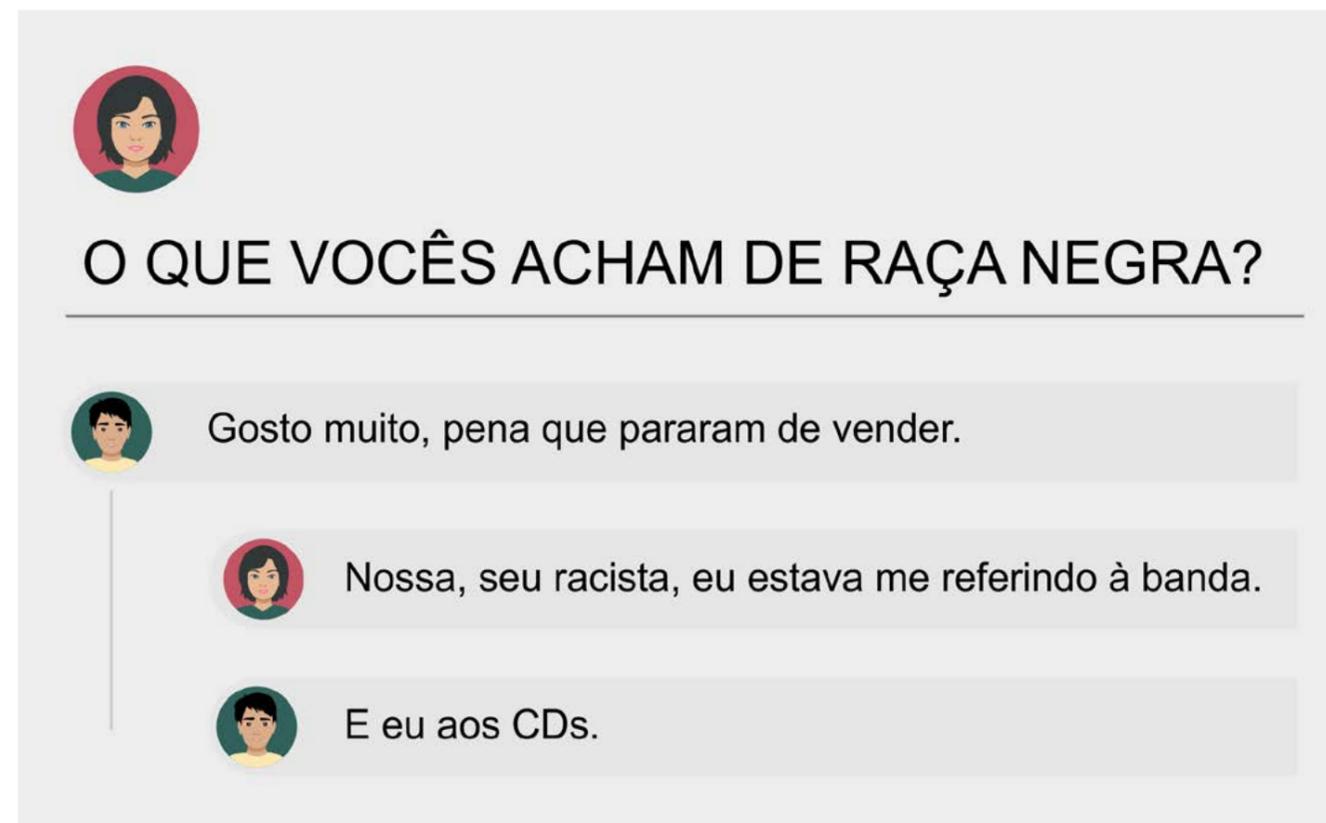
## UNIDADE II - O TEXTO

Quando falamos em texto imediatamente vem à mente uma estrutura toda organizada que exige unidade, começo, meio e fim, sentido. É comum nos referirmos sempre ao texto escrito, mas é bom saber que toda a prática social do sujeito é realizada por meio de texto, seja oral ou escrito. Uma conversa em casa, com a família, na escola, no trabalho é um texto, aqueles comentários de indignação na hora do jornal televisivo, ou na leitura de uma notícia, é um texto. O e-mail que você envia ao professor, ao chefe, ao colega de trabalho, aos amigos, é texto. E, tal como a leitura, envolve um processo complexo de produção, pois exige adequações conforme o leitor/interlocutor, como veremos a seguir.

### O TEXTO NAS DIFERENTES CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM

Assim como a leitura, a concepção de linguagem adotada estará atrelada a uma noção de texto. De acordo com Koch e Elias (2011), na concepção de língua como expressão do pensamento, o texto é visto como um produto do pensamento do escritor. Deste modo, segundo as autoras, a escrita é entendida como uma atividade por meio da qual o escritor expressa o seu pensamento, suas intenções, sem levar em conta a interação que envolve este processo. Você verá adiante que toda produção textual pressupõe um leitor e este precisa ser considerado. Escreve-se para alguém, logo o escritor precisa organizar a sua escrita de acordo com o outro que receberá o texto. É claro que você já percebeu que o texto escrito para uma criança é diferente do texto escrito para um adulto, mas isso, dentro desta concepção, não tinha relevância, pois o leitor não tinha papel ativo, nesta perspectiva.

Na concepção de língua como instrumento de comunicação, o texto, como destacam Koch e Elias (2011, p. 33), é “[...] simples produto de uma codificação realizada pelo escritor a ser decodificado pelo leitor, bastando a ambos, para tanto, o conhecimento do código utilizado.” (grifo nosso). Segundo elas, nesta concepção de texto, “[...] não há espaço para implicitudes, uma vez que o uso do código é determinado pelo princípio da transparência.”, ou seja, deve ser entendido aquilo que está escrito, mas sabemos que não é bem assim, pois a língua não é transparente e pode sempre ter um outro sentido, ser interpretada de outra maneira. Imagine a seguinte situação:



The image shows a simulated social media conversation. At the top, a woman's profile picture is followed by the question: "O QUE VOCÊS ACHAM DE RAÇA NEGRA?". Below this, a man's profile picture is followed by the text: "Gosto muito, pena que pararam de vender.". Then, the woman's profile picture is followed by the text: "Nossa, seu racista, eu estava me referindo à banda.". Finally, the man's profile picture is followed by the text: "E eu aos CDs.".

O texto na concepção interacional não se restringe ao código, nem à intenção do autor, pois este é concebido como um processo, um trabalho, no qual o produtor tem algo a dizer para alguém e elabora o seu projeto de acordo com um contexto comunicativo sócio-historicamente

situado. O sujeito autor precisa ter claro o leitor e a situação/contexto, para fazer as adequações necessárias como: gênero textual, linguagem utilizada, modos para atingir o leitor ou fazer o texto circular. Parece uma novidade, mas não é. Numa mensagem de whatsapp, para dar um exemplo do cotidiano, você escreve no grupo da família do mesmo jeito que para um grupo de amigos, ou do trabalho? São diferentes mensagens, diferentes vídeos, diferentes modos de interagir, diferentes textos, pois você faz as adequações necessárias. Quando determinada mensagem é postada no grupo errado instaura-se o caos, não é verdade? Isso acontece porque a sua posição, os leitores/interlocutores e o contexto são diferentes.

Agora que você viu que a produção de texto se devolve a partir da relação entre diferentes elementos e que esses devem ser considerados, vamos refletir em torno da noção de texto.

## NOÇÃO DE TEXTO

Antes de tecermos uma definição de texto é importante que compreendamos que toda prática social do sujeito, todo modo de comunicação, constitui-se em texto, pois o sujeito não interage por meio de palavras soltas ou frases isoladas e, sim, textos, sejam eles orais ou escritos. Considerado deste modo, o texto não é concebido apenas em sua organização, pois envolve as condições de produção, o que coloca em jogo outros conhecimentos do sujeito que escreve e o conhecimento de outros textos, pois todo texto tem relação com outro que já foi escrito/dito antes em outro lugar por outro sujeito.

Assim, não basta conhecer o sistema da língua, sua gramática, é preciso, entre outras coisas, saber como estabelecer os elos de ligação entre os elementos linguísticos, saber sobre o assunto a tratar, sobre o leitor, sobre os meios para fazer o texto chegar ao leitor e como vai dizer

o que quer dizer, a forma que este texto terá, a linguagem que usará, se mais ou menos formal e assim por diante. Entendido desta maneira, podemos dizer que texto é um objeto de significação tecido pela língua na sua relação com a história, com a memória, com o contexto sócio-histórico e ideológico, no processo de interação.

O sujeito, ao produzir o texto escrito, precisa levar em consideração todos os elementos citados anteriormente e ficar atento quanto à organização da escrita, se aquilo que escreveu é claro, objetivo, se o leitor o compreenderá. Por isso, uma das propriedades básicas do texto para a constituição do sentido é a unidade. É preciso verificar se o texto representa um todo significativo, se há sequencialidade, introdução, desenvolvimento e conclusão, ou começo, meio e fim. A característica da ideia de unidade decorre, principalmente, de dois fatores: a coesão e a coerência textuais.

No vídeo, o conceito de texto é explicado de modo mais didático.

## COESÃO TEXTUAL

De acordo com Koch (1993), coesão é o nome que se dá ao mecanismo que estabelece a tessitura do texto. Esta diz respeito ao conjunto de recursos utilizados pelo autor para estabelecer relações de sentido no interior do texto. Dito de outro modo, conforme Brasileiro (2016, p. 110), “[...] é a ligação entre palavras, frases ou enunciados, a partir de mecanismos lógicos como conjunções, tempos verbais, artigos, formas de pontuação, etc.” Pense no sistema de tubulação de uma casa. Os canos fazem curvas, precisam ser conectados a outros canos para que funcionem adequadamente, assim é o texto, ele também precisa da ligação entre os

elementos que o compõem para que funcionem satisfatoriamente, para que não haja repetições exacerbadas, e flua facilmente.

Vejamos isso em funcionamento:

O filme [A Cura] se passa em um afastado sanatório suíço, onde (1) um poderoso financista americano (Harry Groener) permanece no spa mais do que as duas semanas de férias, fazendo com que um de seus subordinados (Dane DeHaan) seja enviado de Nova York para recuperá-lo. A partir de então, o enredo (de Justin Haythe) apresenta enigmas não respondíveis pela maior parte do tempo.

Quando o subalterno (2), chamado Lockhart, chega, ele (3) descobre que o local (4) é gerido por autômatos alpinos. (A central de seleção de elenco de Zurique deve ter mandado para Verbinski todos os figurantes que encontraram com “habilidade de encarar de forma ameaçadora”).

Os planos de Lockhart de buscar seu chefe e (5) voltar para casa dão errado quando ele (6) quebra uma perna, o que o força a convalescer no que parece uma mistura entre uma enfermaria do começo do século 20 e o castelo do Drácula. Todos os pacientes estão perturbados, andando letargicamente pelos cantos em longos roupões brancos ou se ocupando de jogos entre os tratamentos não especificados em uma ala privada.

A única pessoa mais nova que Lockhart é Hannah (Mia Goth), aparentemente uma adolescente descrita pelo sinistro diretor (Jason Isaacs) como um caso especial. Hannah carrega consigo um frasco de extrato de vitamina que, quando Lockhart prova, descreve como um “peixe suado”.

Essa descrição vai voltar para assustá-lo- e te assustar- mais tarde. Mas (7) até lá, Lockhart sofre com alucinações (ou não) envolvendo Hannah, enguias do aquífero da montanha e saunas sem portas.

Em determinado momento, ele e Hannah saem para tomar uma cerveja no vilarejo vizinho. Curiosamente, o lugar (8) parece inabitado, exceto por uma gangue de punks ameaçadores, um oficial militar misterioso com uma coleção de capacetes da Primeira Guerra Mundial e- apesar da aparente ausência de fazendeiros- um veterinário. O encontro entre esse personagem e Lockhart inclui uma cena gratuitamente nojenta, uma das várias (9) do filme.

O'SULLIVAN, Michael. "A Cura" é o suspense mais longo e agonizante do mundo. Trad. Gisele Eberspächer. Gazeta do Povo. Caderno G. Sessão Cinema. 17. fev. 2017. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/cinema/a-cura-e-o-suspense-mais-longo-e-agonizante-do-mundo-brljrp7fq6o2xwb0ouzeft?ref=aba-mais-lidas> Acesso em 22/02/2017 às 00h21min.

Este texto é parte integrante da crítica elaborada por O'Sullivan, sobre o filme A Cura, publicada no Jornal Gazeta do Povo. Do texto foi retirada apenas a parte que resume o filme.

Todos os elementos destacados estabelecem relação de coesão referencial de algum modo. Assim, (1) retoma “afastado sanatório suíço” por meio de um advérbio de lugar. (2) retoma “um dos subordinados”, substituindo-o por subalterno e, também, faz referência ao nome Lockhart, que aparece depois. (3) tem como referente o nome Lockhart, trata-se de coesão por referenciação, realizada pelo uso do pronome pessoal (ele). (4) retoma spa por meio de substituição. (5) estabelece a ligação entre as duas ações desenvolvidas e tem a ideia de adição dada pela conjunção aditiva e, buscar e voltar. (6) retoma no nome Lockhart, como no caso (3). (7) Introduce uma ideia que se opõe ao exposto anteriormente; tem ideia de oposição. Em (8) há a retomada do referente dito anteriormente: vilarejo vizinho. Essa retomada se dá por meio de substituição. E, no último caso, (9) “O encontro entre esse personagem e Lockhart inclui uma cena gratuitamente nojenta, uma das várias (9) do filme”, neste caso ocorre a coesão por elipse, quando se omite um termo, para evitar a repetição. Várias o que? Cenas gratuitamente nojentas.

Estes são alguns dos casos de coesão que aparecem no texto e, como você pode observar, são recursos que garantem a progressão e produzem um efeito de clareza e unidade. A coesão, então, estabelece as amarras, a articulação entre os elementos, fazendo com que o texto tenha harmonia. Um texto coeso é um texto bem articulado, harmonioso.

Conforme o que foi apontado, a coesão se dá no nível estrutural do texto, em sua linearidade, na sua organização. Por isso, conhecer os elementos linguísticos, como as conjunções, pronomes, advérbios, preposições, entre outros, é de suma importância para pô-las em funcionamento no texto de modo adequado. O não atendimento adequado da coesão pode causar confusão, ambiguidade, comprometendo o sentido. Veja o exemplo: “Vende-se um fogão 4 boca semi novo é uma geladeira?”

Neste anúncio dois problemas comprometem o sentido e até causa um efeito de humor, afinal é um fogão ou uma geladeira? Um fogão que se transformou em geladeira? O problema é causado pelo uso do verbo ser ao invés da conjunção aditiva e, que acentuada tem outro sentido. O sujeito está vendendo duas coisas: o fogão e a geladeira. Além disso, outro problema está no uso

equivocado da pontuação. Ponto de interrogação indica uma pergunta e, neste caso, o objetivo do anunciador não é perguntar sobre algo que ele mesmo está anunciando, assim, o correto é o ponto final. A correta ortografia, acentuação e pontuação também fazem parte da coesão.

“Convidamos a todos para posseção do nosso novo pastor no dia 25. Traga convidados para assistirem”.

Disponível em: <https://blogcoisanossa.wordpress.com/2011/09/05/perolas-de-boletins-dominicais/> Acesso em 22/02/2017 às 22h46min.

O texto acima mostra que houve uma troca de palavras: posse por posseção, que tem significados diferentes. Posse, conforme este contexto significa ocupar um cargo. O pastor vai tomar posse de seu cargo. Posseção, no contexto religioso, significa ser possuído por forças sobrenaturais. Como dito antes, não há transparência na linguagem e o seu significado dependerá do contexto, das condições de produção.

Quinta-feira às 5h haverá reunião no Clube das Jovens Mamães. Todas aquelas que quiserem se tornar uma Jovem Mamãe, devem contatar padre Cavalcante em seu escritório.

Disponível em: <https://blogcoisanossa.wordpress.com/2011/09/05/perolas-de-boletins-dominicais/> Acesso em 22/02/2017 às 18h18min.

Este texto mostra um caso equivocado de organização textual e, por isso, dele depreendem-se dois sentidos possíveis: (1) As jovens mamães que quiserem fazer parte do clube devem contatar o padre e; (2) Aquelas que querem se tornar uma jovem mamãe devem contatar o padre Cavalcante. Veja como em (2), que é o que se lê no texto, o padre é significado. É preciso muito cuidado com a escrita para evitar que este tipo de coisa aconteça. O padre é significado como o reprodutor. Um modo de corrigir isso é reorganizar o enunciado. “Quinta-feira, às 5h, haverá reunião no Clube das Jovens Mamães. Todas aquelas que quiserem fazer parte do Clube, devem contatar padre Cavalcante em seu escritório.”

## COERÊNCIA TEXTUAL

A coerência textual, segundo Val (2006, p. 05), “[...] é responsável pelo sentido do texto” e envolve, não apenas os aspectos lógicos e semânticos, não apenas a estrutura, mas também os conhecimentos partilhados entre os interlocutores. De acordo com a autora, um texto não significa em si mesmo. Como vimos nas discussões tecidas até aqui, o sentido do texto é construído pela relação autor-texto-leitor.

Koch e Travaglia (2002) asseveram que é a coerência que faz de uma sequência linguística um texto. Logo, para que um texto seja considerado como tal é preciso que tenha coerência, que faça sentido. Um texto no qual o leitor não consiga estabelecer relações de sentido é chamado de incoerente.

A coerência está estritamente ligada à coesão, entretanto há textos primorosamente articulados, mas incoerentes (1). Como também textos que não apresentam elementos articuladores, mas são coerentes (2).

### 1

João Carlos vivia em uma pequena casa construída no alto de uma colina árida, cuja frente dava para o leste. Desde o pé da colina se espalhava em todas as direções, até o horizonte, uma planície coberta de areia. Na noite em que completava 30 anos, João, sentado nos degraus da escada colocada à frente de sua casa, olhava o sol poente e observava como a sua sombra ia diminuindo no caminho coberto de grama. De repente, viu um cavalo que descia para sua casa. As árvores e as folhagens não lhe permitiam ver distintamente; entretanto, observou que o cavalo era manco. Ao olhar de mais perto, verificou que o visitante era seu filho Guilherme, que há 20 anos tinha partido para alistar-se no Exército; e, em todo esse tempo, não havia dado sinal de vida. Guilherme, ao ver o pai, desmontou imediatamente, correu até ele, lançando-se nos seus braços e começando a chorar”. ( KOCH, 2002, p. 32-33)

Este é um exemplo de texto coeso, mas incoerente, pois o todo torna insustentável a situação. Como é possível que um homem, completando 30 anos tenha um filho que não via há 20 anos? Mesmo com todo o esforço do leitor para dar sentido, a falta de lógica na situação apresentada impossibilita a significação.

## 2

Chinelos, vaso, descarga. Pia, sabonete. Água. Escova, creme dental, água, espuma, creme de barbear, pincel, espuma, gilete, água, cortina, sabonete, água fria, água quente, toalha. Creme para cabelo, pente. Cueca, camisa, abotoaduras, calça, meias, sapatos, gravata, paletó. Carteira, níqueis, documentos, caneta, chaves, lenço, relógio, maço de cigarros, caixa de fósforos. Jornal. Mesa, cadeiras, xícara e pires, prato, bule, talheres, guardanapo. Quadros. Pasta, carro. Cigarro, fósforo. Mesa e poltrona, cadeira, cinzeiro, papéis, telefone, agenda, copo com lápis, canetas, bloco de notas, espátula, pastas, caixas de entrada, de saída, vaso com plantas, quadros, papéis, cigarro, fósforo. Bandeja, xícara pequena. Cigarro e fósforo. Papéis, telefone, relatórios, cartas, notas, vales, cheques, memorandos, bilhetes, telefone, papéis. Relógio. Mesa, cavalete, cinzeiros, cadeiras, esboços de anúncios, fotos, cigarro, fósforo, bloco de papel, caneta, projetor de filmes, xícara, cartaz, lápis, cigarro, fósforo, quadro-negro, giz, papel. Mictório, pia, água. Táxi. Mesa, toalha, cadeiras, copos, pratos, talheres, garrafa, guardanapo, xícara. Maço de cigarros, caixa de fósforos. Escova de dentes, pasta, água. Mesa e poltrona, papéis, telefone, revista, copo de papel, cigarro, fósforo, telefone interno, externo, papéis, prova de anúncio, caneta e papel, relógio, papel, pasta, cigarro, fósforo, papel e caneta, telefone, caneta e papel, telefone, papéis, folheto, xícara, jornal, cigarro, fósforo, papel e caneta. Carro. Maço de cigarros, caixa de fósforos. Paletó, gravata. Poltrona, copo, revista. Quadros. Mesa, cadeiras, pratos, talheres, copos, guardanapos. Xícaras. Cigarro e fósforo. Poltrona, livro. Cigarro e fósforo. Televisor, poltrona. Cigarro e fósforo. Abotoaduras, camisa, sapatos, meias, calça, cueca, pijama, chinelos. Vaso, descarga, pia, água, escova, creme dental, espuma, água. Chinelos. Coberta, cama, travesseiro.

RAMOS, Ricardo. Circuito fechado. Disponível em: <http://bailedeliteratura.blogspot.com.br/2014/03/analise-circuito-fechado-ricardo-ramos.html>. Acesso em 22/02/2017 às 19h28min.

Neste texto, embora não haja elementos de articulação (conjunções, pronomes, advérbios, etc.) a relação estabelecida entre as palavras mostra uma sequência de ações transcorridas em um dia, desde que o sujeito se levanta até a hora de ir dormir.

Para encerrar esta parte trago uma citação de Ada Magaly Matias Brasileiro:

Um texto torna-se bem construído e coeso quando usamos os elementos gramaticais ou coesivos (conjunções, pronomes, preposições e advérbios), no interior das frases de forma adequada. Se esses elementos de ligação forem mal empregados, o texto não apresentará noção de conjunto, ou ainda, sua linguagem se tornará ambígua e incoerente. Portanto, a coesão, normalmente, refere-se à forma ou à superfície de um texto e, muitas vezes, é mantida por meio de procedimentos gramaticais, isto é, pela escolha do conectivo adequado na conexão dos diversos enunciados que compõem um texto (BRASILEIRO, 2016, p. 119).

## PRODUÇÃO: POR ONDE COMEÇAR?

Muitas pessoas sentem pânico quando solicitadas a escrever um texto, não sabem como começar, o que escrever, como fazer e se frustram quando a produção não alcança os objetivos, quando é corrigida ou mesmo criticada. Ora, isso é normal. O texto não está pronto na cabeça do sujeito nem aparece por milagre divino ou é dado a sujeitos privilegiados como dom. Escrever é um trabalho que pode ser desenvolvido por qualquer pessoa. Diga-se de passagem, um trabalho bastante gratificante.

Koch e Elias (2016) sustentam que o desenvolvimento da produção textual é constituído pelos conhecimentos de língua, de mundo (história, sociedade, política) e de textos. A atividade de leitura, afirmam, é primordial para a atividade da escrita, pois é por meio da leitura que o sujeito constrói, reconstrói e atualiza o conhecimento. Portanto, nunca se esqueça de que para escrever melhor é preciso ler mais.

Em Argumentar e escrever (2016), Koch e Elias defendem que o trabalho de escrita deve ser planejado. O sujeito escritor precisa, segundo as autoras, definir um tema, selecionar e organizar ideias, rever e reescrever. Isso quer dizer que o texto não vai surgir por um passe de mágica, nem ficar pronto em sua primeira versão. O modo pânico do último minuto não funciona. Lamento dizer!

A produção textual precisa da avaliação e revisão do próprio autor, depois, da reescrita. Você já deve ter feito isso muitas vezes, manuscrito ou digitado: escreve, escreve, escreve, depois de uma primeira leitura apaga, complementa, apaga, muda a estrutura, apaga e já não é mais o primeiro texto, mas um novo, reescrito.

A parte inicial da escrita é o planejamento; Koch e Elias (2016) afirmam que uma boa estratégia inicial é ter respostas para as seguintes perguntas:

1. Eu vou escrever sobre o quê? Qual tema ou assunto?
2. O que eu pretendo? Qual é o objetivo da minha escrita?
3. A quem dirijo a escrita? Quem é meu leitor?
4. Em que situação nos encontramos meu leitor e eu? Qual a situação que envolve a mim (escritor) e a meu leitor?
5. O que eu sei que o meu leitor já sabe e, portanto, não preciso explicitar?
6. O que eu sei que o meu leitor não sabe e, por isso, preciso explicitar?
7. Que gênero textual produzir pensando na situação comunicativa? (KOCH; ELIAS 2016, p. 160).

Tendo isso tudo explicitado muito mais fácil será a produção. Perceba que a consideração do leitor é muito importante, pois o autor escreve sempre para alguém, sua contraparte. É preciso considerar e respeitar o leitor. Um texto bem organizado, claro e objetivo, que atenda as expectativas do leitor, demonstra esse respeito.

Para descontrair.

## UNIDADE III - OS GÊNEROS TEXTUAIS/DISCURSIVOS

Definir o que é gênero, suas características e modos de organização é o objetivo desta unidade. Mesmo sem termos especificado, os textos trabalhados anteriormente foram nominados: charge, tira, anúncio, campanha publicitária, e-mail, bilhete entre outros. Toda a nossa comunicação caracteriza-se como texto, certo? E você já deve ter percebido que nenhum é igual ao outro. Cotidianamente produzimos ou estamos em contato com inúmeros gêneros textuais: e-mail, telefonema, receitas, notícias, bilhetes, campanha publicitária, anúncios, propagandas, contos, romances, classificados, contratos, manuais, horóscopos, resumos, enfim, muitos e variados gêneros, cada um deles apresenta características específicas, pertencem a determinado domínio e circulam por diferentes suportes, como veremos na sequência.

### DEFININDO GÊNERO

Você deve ter notado no título de abertura da unidade que escrevemos gêneros textuais/discursivos, porque há nos estudos sobre gêneros as duas nomenclaturas. Embora iniciemos a discussão com a nomenclatura discursivo, a partir de Bakhtin (2003), fonte de grande parte dos estudos sobre gêneros, assumiremos a nomenclatura gêneros textuais, que é a mais corrente.

Todas as questões ligadas aos gêneros foram inicialmente pensadas a partir de uma visão artístico-literária, na qual as preocupações centravam-se em classificar as obras literárias dentro de um determinado gênero que, de acordo com a tríade canônica, podem pertencer aos modelos denominados lírico, épico ou dramático. Considerava-se cada um desses gêneros como puro em si mesmo, ou seja, dependente de um rigor excessivo que comprometia a originalidade e limitava a criatividade do autor, já que se proibia ultrapassar os limites de determinado gênero.

No século XVI, predomina, não sem polêmica, a adoção de critérios rígidos e fica estabelecido, entre outros princípios, que: lírica é a poesia feita das reflexões do poeta; dramática é a poesia em que a pessoa do poeta não intervém; épica é um conglomerado das duas atitudes anteriores. (FILHO, 2005, p. 66).

Somente no século XIX, com o surgimento do período literário denominado Romantismo, que a teoria da pureza de gêneros é rompida. Da necessidade de individualização e de liberdade criativa surgem os gêneros híbridos, sendo, neste momento, permitida a mobilidade entre um gênero e outro, o que faz surgir outras classificações diferentes da tripartição clássica. Desde então, existem comédias românticas, tragicomédias, entre outras novas formas literárias.

Para o pensador russo Mikhail Bakhtin (1895-1975), a questão dos gêneros ultrapassa a da classificação de textos segundo especificidades artístico-literárias. O estudioso passa a considerar que todo “[...] campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso.” (BAKHTIN, 2003, p. 262). Isso significa, conforme explicitado na unidade anterior, que todo evento comunicativo, toda interação, se realiza por meio de textos e estes estão inscritos em um determinado gênero, cuja escolha se dá em conformidade com a situação sociocomunicativa. De acordo com Koch e Elias (2011, p. 61):

A escolha do gênero deverá, portanto, levar em conta, em cada caso, os objetivos visados, o lugar social e os papéis dos participantes. Além disso, o agente deverá adaptar ‘o modelo’ do gênero aos seus valores particulares, adotando um estilo próprio, ou mesmo contribuindo para a constante transformação dos modelos.

Assim, numa missa, por exemplo, vários gêneros textuais são postos em funcionamento, as orações, os cantos, avisos, parábolas, confissão, sermão, entre outros, mas não terá a piada, porque a finalidade não é entreter ou causar humor.

Outro ponto importante na citação de Bakhtin é a relativa estabilidade do gênero. Dizer que os gêneros são relativamente estáveis significa que a padronização que se conhece de determinado gênero não é única, imutável, fixa. Pensemos no gênero convite. Local, data e hora fazem parte das características específicas (estáveis) desse gênero, mas o convite de casamento,

de aniversário de primeiro ano, aniversário de 15 anos, chá de bebe, chá de panela, formatura, diferem entre si e trazem outras especificidades que lhe são próprias.

Em *Estética da criação verbal* (2003), Bakhtin considera que toda a produção de linguagem, seja ela oral ou escrita, caracteriza-se como gênero discursivo. Em cada situação de enunciação, essa produção apresenta um conteúdo temático (assunto), estilo (linguagem utilizada, recursos da língua, conjunto de palavras) e construção composicional (forma padrão de estrutura, características estruturais do texto), características definidas pelas condições de produção, pelos interlocutores e pela finalidade discursiva. Sobre esse tema, Lopes-Rossi (2002, p. 25) adverte que:

Uma conversa, uma piada, um provérbio, uma entrevista, uma palestra, uma aula, uma apresentação oral de um trabalho (defesa da tese, por exemplo), um interrogatório, um depoimento, uma discussão, um cordel, uma missa, são alguns exemplos de gêneros discursivos orais existentes em nossa sociedade. Carta, requerimento, procuração, notícia, reportagem, relato de pesquisa, crítica de cinema, crítica de música, questão dissertativa de prova, propaganda, bilhete, romance, conto, poema charge, relatório, receita, lista de compra, cartão de felicitação, nota fiscal, recibo, verbete de dicionário, cheque, e-mail são alguns exemplos de gêneros escritos.

Bakhtin (2003) distingue os gêneros discursivos primários (simples) dos secundários (complexos). Os gêneros discursivos primários “[...] se formam nas condições de comunicação discursiva imediata.” (BAKHTIN, 2003, p. 263). São muito mais vinculados ao cotidiano enquanto os secundários, ditos complexos, são formados por produções predominantemente escritas, num âmbito mais formal e especializado. Rodrigues (2005, p. 169) acrescenta que:

Os gêneros primários (conversa de salão, conversa sobre temas cotidianos ou estéticos, carta, diário íntimo, bilhete relato cotidiano etc.) se constituem na comunicação discursiva imediata, no âmbito da ideologia do cotidiano (as ideologias são formalizadas e sistematizadas). Os gêneros secundários (romance, editorial, tese, palestra, anúncio, livro didático, encíclica, etc.) surgem nas condições da comunicação cultural mais ‘complexa’, no âmbito das ideologias formalizadas e especializadas, que, uma vez constituídas ‘medeiam’ as interações sociais: na esfera artística, científica, religiosa, jornalística, escolar, etc.

Os gêneros discursivos, tal qual definidos por Bakhtin, são o resultado da interação verbal entre os participantes da atividade comunicativa e estes abrangem todos os tipos de produção de linguagem, quer oral ou escrita. Assim, os gêneros discursivos são considerados como um processo de interação social que se dá numa relação dialógica da linguagem.

Baltar (2006, p. 29) afirma que “[...] os gêneros refletem os avanços históricos e tecnológicos de uma sociedade.” Com o avanço tecnológico e o amplo uso do meio digital surgem novos gêneros a partir das velhas bases, como o gênero e-mail, por exemplo, que tem sua base no gênero carta.

De acordo com Bakhtin (2003, p. 266), os gêneros originam-se em “[...] determinadas esferas da atividade humana e da comunicação.” Conforme o autor, em cada esfera ou domínio discursivo (religiosa, jurídica, literária, acadêmica, jornalística, etc.) existem e são empregados determinados gêneros. Os gêneros: artigo científico, monografia, dissertação, seminário e tese, por exemplo, pertencem à esfera acadêmica.

Como o leitor tem acesso aos diferentes gêneros? Onde o leitor lê uma notícia? Um artigo de opinião? Um romance? Os gêneros circulam em diferentes suportes como os jornais impressos ou virtuais, internet, revistas científicas, livros, entre outros. De acordo com Marcuschi (2002), o suporte comporta três aspectos: é um lugar físico ou virtual, tem formato específico e serve para fixar e mostrar o gênero.

Um exemplo:

Dois fotógrafos foram baleados durante a ação policial na Cracolândia, no Centro de São Paulo, na tarde desta quinta-feira (23).

Segundo a Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (ABERT), Dário Oliveira, profissional da Agência Código 19 Fotojornalismo, foi ferido na coxa por um projétil de arma de fogo. Outro fotógrafo freelancer, Marcelo Chello, levou um tiro na perna, na altura da coxa esquerda. O impacto da bala foi amortecido por um celular que ele carregava no bolso.

Em nota, a Associação diz que repudia, com veemência, as agressões sofridas pelos dois fotógrafos que faziam cobertura jornalística no local. Durante o confronto com usuários de drogas, os policiais usaram bombas de gás e balas de borracha.

Procurada, a Secretaria da Segurança Pública não informa a origem dos disparos. Afirma apenas que policiais do patrulhamento de área realizavam uma abordagem, na Rua Helvétia com a Rua Dino Bueno, quando cerca de 300 pessoas se aglomeraram e começaram a atear fogo em lixo, arremessar pedras e outros objetos contra os agentes.

Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/doi-fotografos-sao-baleados-durante-acao-policial-na-cracolandia.ghtml> Acesso em 23/02/2017 às 18h47min.

Este texto noticia um fato real ocorrido na cidade de São Paulo, tendo por finalidade informar ao leitor que durante a ação policial na Cracolândia dois fotógrafos acabaram baleados. Trata-se do gênero textual notícia, pertencente ao domínio jornalístico, que tem como objetivo informar, sem a emissão de opinião por parte de quem escreve. Este gênero circula em diferentes suportes: jornais (impressos, virtuais), rádio, revistas, meio televisivo. Neste caso o suporte é a internet, pois foi recortado de um site de notícias.

Vídeo que explica o que são os gêneros de forma bastante ilustrativa.

## TIPOLOGIAS TEXTUAIS

Lembra quando você precisava escrever um texto narrativo, descritivo ou dissertativo? Ou ainda quando nem mesmo isso era especificado e a solicitação era: “Escreva um redação sobre suas férias”? Todo início de ano letivo era marcado por esta atividade. E, infelizmente, ainda há casos como esse.

Não produzimos narração, descrição ou dissertação, produzimos gêneros textuais, organizados por essas tipologias, conforme a finalidade. Se a finalidade é relatar um acontecimento, o gênero escolhido poderá ser a notícia e a tipologia predominante será a narração. Perceba que disse predominante, o que significa não só, pois a descrição e a dissertação também permeiam a organização composicional. Você deve estar pensando: “Puxa! Faço relatos o tempo todo, mas nunca produzi uma notícia.”, talvez não de forma escrita, mas na forma oral sim, muitas vezes, como quando narra a alguém as novidades do trabalho. Dá até manchete se transformada em linguagem escrita: “Funcionária dedicada é promovida”; “Revoltado, funcionário discute com o chefe”.

De acordo com Marcuschi (2008, p. 154-155):

[O] tipo textual designa uma espécie de construção teórica (em geral uma sequência subjacente aos textos) definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo). O tipo caracteriza-se muito mais como sequências linguísticas (sequências retóricas) do que como textos materializados; a rigor, são modos textuais. Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como narração, argumentação, exposição, descrição, injunção. O conjunto de categorias para designar tipos textuais é limitado e sem tendência a aumentar.

As tipologias têm características específicas, portanto dominá-las favorecerá a escrita dos gêneros textuais.

### ***TIPOLOGIA TEXTUAL NARRATIVA***

A narração tem como principal objetivo relatar situações, fatos e acontecimentos reais/factuais ou imaginários/ficcionais com personagens, em local e tempo definidos. Normalmente, a narração dos acontecimentos segue uma ordem cronológica (anterioridade e posterioridade). Os tempos verbais mais empregados são o pretérito perfeito, o imperfeito e o mais-que-perfeito, já que se narra algo que já aconteceu. O esquema narrativo apresenta a situação inicial, a

complicação, o clímax e o desfecho. São elementos básicos da narração: o fato (acontecimento), o tempo (quando), o lugar (onde), os personagens (quem), o modo (como) e o narrador (aquele que conta a história).

- A situação inicial: explicita para o leitor o espaço, o tempo, o lugar, os personagens e o ambiente;
- a complicação: ação que instaura um desequilíbrio;
- clímax: ponto alto da narração, momento de maior tensão e que conduz ao desfecho;
- desfecho: fim da narrativa e retorno ao equilíbrio.

Outro aspecto importante da tipologia textual narrativa é a forma de tratar a fala dos personagens. Basicamente, há três tipos:

(1) Discurso direto: reprodução da fala dos personagens. A fala dos personagens é explicitada. O uso do travessão marca isso no texto.

“Os meninos começaram a gritar e a espernear. E como Sinhá Vitória tinha relaxado os músculos, deixou escapar o mais taludo e soltou uma praga:

- Capeta excomungado!”

(RAMOS, Graciliano. Baleia. In: MORICONI, Italo (org.). Os cem melhores contos brasileiros do século. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 96).

(2) Discurso indireto: a voz do personagem é assumida pelo narrador, que conta o acontecido.

“Uma mulher entra na sala, reconheço nela uma de nossa vizinhas, entra com o ar de quem vem pedir alguma coisa urgente. Levanto-me de um pulo para oferecer; ela diz que não sabia que estávamos conversando, promete não nos interromper, pede desculpas e desaparece”.

(VEIGA, José J. Entre irmãos In: MORICONI, Italo (org.). Os cem melhores contos brasileiros do século. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 188).

(3) Discurso indireto livre: é a combinação dos dois anteriores, confundindo as intervenções do narrador com falas e pensamentos dos personagens (cf. BRASILEIRO, 2016).

“Leninha, me vendo assim pagado como se fosse uma velha fotografia, sacudiu um pano na frente dizendo. ‘Olha a camisa bacana que comprei para você; veste, veste para eu ver’”.

(FONSECA, Rubem. A força humana In: MORICONI, Italo (org.). Os cem melhores contos brasileiros do século. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 208).

#### PENETRA

Um ladrão invadiu uma festa à fantasia, disfarçado de ladrão: meia-calça na cabeça, revólver de brinquedo na cintura. Quando anunciou o assalto, ninguém achou graça.

VIEIRA, Tônico. Penetra. Disponível em: <http://autoressaconcursosliterarios.blogspot.com.br/2013/05/os-20-minicontos-classificados.html> Acesso em 23/02/2017 às 21h46min.

O gênero textual acima é um miniconto de Tônico Vieira. Nele predomina a tipologia narrativa, uma vez que narra um fato: do ladrão (personagem protagonista), que invade uma festa à fantasia. É o personagem ladrão quem protagoniza o fato narrado, como antagonista, podemos colocar os participantes da festa, que frustram a ação do protagonista. Os eventos articulam-se numa progressão temporal, festa à fantasia (situação), a invasão do ladrão (complicação), o anúncio do assalto (clímax) e o desfecho (ação frustrada). No desfecho fica claro que os participantes da festa significaram o ladrão com um dos membros participantes, portanto uma fantasia, frustrando os planos do penetra mal intencionado. O discurso indireto foi a estratégia usada pelo autor. O miniconto utiliza termos do mundo real: uma festa à fantasia. Predomina o tempo verbal pretérito perfeito (invadiu, anunciou, achou). O suporte é a internet, especificamente um blog. Observe que neste miniconto há uma sequência tipicamente descritiva: “meia calça na cabeça e revolver de brinquedo na cintura”.

## **TIPOLOGIA TEXTUAL DESCRITIVA**

A descrição consiste na exposição de propriedades, qualidades e características de objetos, ambientes (calmo, quente, agitado, barulhento), ações ou estados (cf. VILELA; KOCH, 2001). Pela descrição o leitor constrói uma representação mental daquilo que o autor se propõe a descrever. De acordo com Brasileiro (2016, p. 12), “[...] o processo de caracterização requer habilidade de quem descreve para sensibilizar quem lê.” A atividade de descrição desenvolve os sentidos do autor, sua sensibilidade. Para descrever com destreza é preciso saber olhar e sentir. Por isso, nesta tipologia, os adjetivos, as locuções adjetivas e os advérbios recebem grande destaque. As palavras assumem força, pois por meio delas é que o leitor construirá a representação mental.

De acordo com Brasileiro (2016, p. 14), ao descrever o autor realiza quatro operações essenciais:

1. nomeia e identifica seres, objetos, pessoas (Aline, Belo Horizonte, deputado, aluno, diretor);
2. localiza esses seres no tempo e no espaço, por meio de expressões de localização espacial e temporal (em Minas Gerais, no século XXI);
3. quantifica-os de modo preciso e impreciso (espaço para 50 alunos, várias tentativas, poucos...);
4. qualifica-os objetiva ou subjetivamente (objetiva: branco, quente; subjetiva: belo, interessante, extraordinário).

## **TIPOLOGIA TEXTUAL DISSERTATIVA (ARGUMENTAÇÃO)**

Esta tipologia organiza-se em forma de exposição, discussão ou interpretação de determinada ideia. O objetivo é construir uma opinião de modo progressivo, conforme salienta Delforce (1992). Para isso, é preciso, antes de qualquer coisa, um exame crítico do assunto, a partir

disso, é que se constrói uma argumentação coerente, consistente e objetiva na exposição dos fatos, reflexão em torno do tema/questão discutido, das explicações, justificativas e avaliações.

Nesta tipologia, o tempo verbal mais utilizado é o presente do indicativo, pois aborda um assunto da atualidade. O uso dos operadores argumentativos é primordial, pois é por meio deles que se constrói a articulação do texto com coerência e coesão.

Operadores argumentativos:

Conforme Brasileiro (2016), há dois tipos de dissertação: a dissertação expositiva e a dissertação argumentativa. A primeira tem como objetivo expor, explicar ou interpretar uma ideia. Neste caso não é necessário combater ideias com as quais o autor discorde. A dissertação argumentativa objetiva convencer e persuadir o leitor de que a tese defendida deve ser acatada. Por isso, a argumentação deve possuir consistência de raciocínio e provas.

O raciocínio consistente é aquele que não se perde em especulações, que é bem fundamentado como, por exemplo, os argumentos de autoridade, quando o autor cita autoridades especializadas no tema discutido. Se o assunto for o aborto, citar os discursos vindos da medicina, do jurídico ou do religioso imprimem consistência na argumentação. Veja: “Grande parte dos médicos, como Drauzio Varela, defendem a descriminalização do aborto por uma questão de saúde pública, pois milhares de mulheres morrem por falta de atendimento adequado neste tipo de procedimento cirúrgico.” Dito isso, é interessante mostrar provas. Se o que se afirma é que muitas mulheres morrem em procedimentos de aborto, apontar provas como: exemplos, testemunhos ou dados estatísticos, dão legitimidade à argumentação, pois confirma o saber do autor sobre o assunto e mais facilmente poderá atingir o objetivo de convencer ou persuadir.

O poder de convencimento fundamenta-se nos tipos de argumentos utilizados pelo produtor do texto, pois é por meio dos argumentos que se defende um ponto de vista. Os argumentos mais comuns são o de autoridade, o pragmático, o de consenso ou de princípio e o argumento de exemplificação. Esses diferentes tipos de argumento não aparecem isolados no texto, mas combinados, o que contribui para reforçar o ponto de vista defendido.

O argumento de autoridade serve para confirmar e legitimar a opinião defendida. Citam-se autores especializados no assunto debatido, instituições, órgãos do governo, textos confiáveis, etc. Você deve ter visto em muitas produções textuais expressões do tipo: segundo fulano de tal; de acordo com Beltrano; para a OAB; Conforme as regras do programa, etc. Este tipo de argumento produz um efeito de autoridade àquilo que o autor elenca em seu dizer, transmitindo confiança para o leitor.

O argumento pragmático é construído para provar o dizer. Neste tipo de argumento apontam-se dados, fatos, acontecimentos. Este argumento produz um efeito de verdade, pois se apontam provas.

O argumento de consenso faz referência a princípios e valores compartilhados com o interlocutor/leitor. São afirmações que não dependem de comprovações, pois são apresentados como verdades aceitas por todos. Como, por exemplo, ultrapassar em faixa contínua é perigoso; pessoas negras são alvos de preconceito; aborto oferece riscos à saúde da mulher.

O argumento por exemplificação consiste em apresentar exemplos para reforçar o que se deseja defender. Este tipo de argumento dá consistência à discussão e contribui para alcançar o objetivo de convencer o leitor.

Ao elaborar o gênero textual artigo de opinião, por exemplo, a tipologia dissertativa é predominante e a apresentação de argumentos é imprescindível. Conforme Brasileiro (2016, p. 20), “[...] toda dissertação é uma demonstração, por isso a necessidade de pleno domínio do assunto e habilidade de argumentação.”

## Imposto de Renda

### Correção da tabela

Não é de hoje que os contribuintes vêm reclamando dos reajustes da tabela do Imposto de Renda, que têm sido irrisórios. Todos nós, trabalhadores, aposentados, proprietários de imóveis, estamos muito prejudicados pelos falsos reajustes. Estamos pagando, no mínimo, três vezes mais do que o valor que seria aceitável. Vejam um exemplo escandaloso. De acordo com a tabela, o contribuinte pode deduzir mensalmente menos de R\$ 200 por dependente, porém cada ‘dependente do governo’ que fica no Complexo Penitenciário Anísio Jobim, em Manaus, custa aos cofres públicos nada menos que R\$ 4.112,00 por mês! Dá para acreditar? Isso é um país sério? Para sustentar um criminoso o governo paga mais de 20 vezes o valor que a Receita Federal permite que o trabalhador honesto deduza por dependente em sua declaração de renda. É mole?

JOSÉ MAURÍCIO DE ÁVILA

O texto acima é uma carta de leitor, publicada no Estadão (suporte) em 24/02/2017, na qual o autor faz uma crítica ao reajuste na tabela do imposto de renda. Este gênero textual é organizado a partir da tipologia dissertativa/argumentativa, pois o leitor (autor do gênero) expõe sua opinião sobre algo, geralmente algo que foi publicado no jornal ou revista de que é legente. Nesta carta de leitor, Ávila expõe sua opinião com criticidade e utiliza como argumento principal para os seus comentários a exemplificação: “Vejam um exemplo escandaloso. De acordo com a tabela, o contribuinte pode deduzir mensalmente menos de R\$ 200 por dependente, porém cada ‘dependente do governo’ que fica no Complexo Penitenciário Anísio Jobim, em Manaus, custa aos cofres públicos nada menos que R\$ 4.112,00 por mês! Dá para acreditar?”, este é um modo de convencer o leitor de que sua crítica tem fundamento e, com isso, pode convencer o outro e até persuadi-lo a dar-lhe razão.

### ***TIPOLOGIA TEXTUAL INJUNTIVA***

O nome parece novo, mas os gêneros textuais organizados por esta tipologia que circulam socialmente são bastante conhecidos. A injunção tem por finalidade incitar a realização de uma ação e, de acordo com Travaglia (1991) constitui-se, sobretudo, no discurso do fazer e do acontecer. O objetivo é orientar o outro na realização de determinadas ações. Nesta tipologia a informação refere-se ao como algo deve ser feito. A injunção está presente em gêneros textuais como: receitas, manuais de instrução, regras de conduta, bulas, regras de jogos, convites, entre outros. Predominantemente são usados comandos no imperativo (ordena, sugere, aconselha, adverte, convida, etc).

### ***TIPOLOGIA TEXTUAL EXPOSITIVA OU EXPLICATIVA***

Segundo Vilela e Koch (2001), a organização do texto explicativo nasce de uma pergunta. Esta tipologia apresenta um saber teórico ou construído socialmente. O objetivo é esclarecer e informar sobre algo de modo objetivo. A tipologia textuais expositiva/explicativa aparece com maior predominância em gêneros textuais como verbetes de dicionário e os resumos, por exemplo.

Resumo: Fundamentado nos pressupostos bakhtinianos a respeito da linguagem e gêneros discursivos, este artigo apresenta uma proposta didática com o gênero discursivo charge jornalística, visando a melhorias no ensino-aprendizagem da leitura. A proposta leva em conta quatro etapas principais: o estudo do gênero charge no âmbito jornalístico e social, o estudo da dimensão sócio-interacional da charge; estudo da dimensão verbal e não-verbal do gênero; reflexão sobre a reação-resposta do leitor e a produção de novos sentidos.

O gênero acima é o resumo de um artigo científico. Observe que no resumo busca-se explicar sobre o trabalho desenvolvido. Especifica-se os pressupostos teóricos (embasamento na teoria bakhtiniana), o objetivo (apresentar uma proposta didática com o gênero charge), o corpus de estudo (charge). Note que não há opinião ou argumentação. O objetivo é expor o estudo, explicá-lo. Este gênero, integrante do artigo científico, pertence à esfera acadêmica e, geralmente, tem como suporte revistas científicas (impressas ou virtuais) e livros.

**Importante:**

Por gênero textual entende-se o modo como os textos são padronizados/organizados em formatos e finalidades específicas, de acordo com a situação de interação e postos em circulação no meio social (Notícia, carta, resumo, intimação, charge, etc.). Os gêneros são gerados nas mais diversas esferas de comunicação, sendo que há gêneros específicos de determinada esfera como o gênero textual missal, que pertence à esfera religiosa, a tese da esfera acadêmica, a notícia da esfera jornalística, a bula da esfera da saúde, nota de compra da esfera comercial, instrução de montagem da esfera industrial, a intimação da esfera jurídica, a propaganda da esfera publicitária, romance da esfera literária, entre outros. O suporte é o meio pelo qual o gênero é posto em circulação, no caso do romance o suporte é o livro.

A tipologia textual refere-se à construção interna que compõe o texto, ao modo como a estrutura textual é organizada. As tipologias textuais se mesclam na produção. Na produção de uma carta pessoal, por exemplo, há descrição (especificação do local) injunção (quando se convoca o leitor – Querida amiga, como vai?), exposição/explicação (quando se informa algo), narração (ao relatar determinado acontecimento), dissertação/argumentação (ao defender determinada atitude), enfim, há predominância de uma ou outra, associada com as demais.

Veja Pasquale Cipro Neto explicando as tipologias textuais. Muito Bom!

## UNIDADE IV - PLÁGIO

Muitas vezes, no momento de uma produção textual, dá aquele branco total e bate o desespero porque o prazo final para entrega do trabalho está terminando. Isso faz com que o acadêmico seja seduzido pelas inúmeras facilidades disponibilizadas na internet e termina copiando trechos e até trabalhos inteiros e entrega como se fosse dele. Essa prática da cópia é o que se denomina de plágio.

O plágio é uma fraude, que implica em penalizações para o plagiador. Ele pode ter seu trabalho desconsiderado, zerado e até responder criminalmente por tal prática. Assim, para evitar qualquer tipo de entrave, toda vez que utilizar ideias, citações, parágrafos, frases de outros autores, dê-lhes o devido crédito. Mencione no seu texto o “dono” das citações. A articulação de suas ideias com as ideias do outro é muito importante, só não se esqueça de que a ideia do outro deve ser mencionada, explicitada e adequadamente referenciada em seu texto.

Para entender melhor o que é plágio e não cair nesta cilada, leia os textos indicados:

Neste site você terá acesso aos diferentes tipos de plágio e como evitar tal prática. Leia.

Este vídeo ilustra com perfeição o tema tratado nesta unidade.

## UNIDADE V - NORMAS DA ABNT

A Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) é o órgão responsável pela elaboração de normas técnicas que regem os trabalhos acadêmicos e científicos. As normas padronizam as produções, facilitando a identificação dos diferentes gêneros textuais que circulam na esfera acadêmica. Sempre a consulte e busque seguir suas regras.

Citação

Referências

## CONCLUSÃO

A compreensão dos conceitos de leitura e texto discutidos neste e-book, bem como os gêneros e tipologias textuais, são de grande relevância para o desenvolvimento e ampliação de suas habilidades de leitura, interpretação, compreensão e produção textuais, atividades que acompanham todo o fazer acadêmico.

As discussões em torno do plágio conscientizam o acadêmico quanto à responsabilidade e respeito pela palavra do outro, que deve ser referida e creditada o que demonstra o compromisso com o outro e consigo mesmo.

Espero ter contribuído com sua formação e que as discussões e conteúdos aqui apresentados tenham sido válidos para o melhoramento de sua prática, tanto de leitura quanto de escrita.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. Língua, texto e ensino: outra escola possível. São Paulo: Parábola, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BALTAR, Marcos. Competência discursiva e gêneros textuais: uma experiência com o jornal de sala de aula. Caxias do Sul: Educus, 2006.

BRASILEIRO, Ada Magaly Matias. Leitura e produção textual. Porto Alegre: Penso, 2016.

COSTA, Déborah Cristina Lopes; SALCES, Cláudia Dourado de. Leitura e produção de texto na universidade. Campinas: Alínea, 2013.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. Nas trilhas do discurso: a propósito de leitura, sentido e interpretação. In: ORLANDI, Eni P. (org.). A leitura e os leitores. 2. ed. Campinas: Pontes, 2003. p. 201-208.

FILHO, Domício Proença. A linguagem literária. 7. ed. São Paulo: Ática, 2005.

FUZA, Ângela Francine; OHUSCHI, Márcia Cristina Greco; MENEGASSI, Renilson José. Concepções de linguagem e o ensino de leitura em língua materna. Linguagem & Ensino, Pelotas, v.14, n.2, p. 479-501, jul./dez. 2011.

DELFORCE, Bernanard. La dissertation et la recherche des idées ou: le retour del'inventio. Pratiques, Metz, n. 75, p. 17-43, sept. 1992.

GERALDI, João Wanderley. Concepções de linguagem e ensino de português. In: \_\_\_\_\_. (Org.). O texto na sala de aula: leitura e produção. Cascavel: Assoeste, 1984. p. 41-49.

INDURSKI, Freda. A prática discursiva da leitura. In: ORLANDI, Eni P. (org.). A leitura e os leitores. 2. ed. Campinas: Pontes, 2003. p. 189-200.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. Escrever e argumentar. São Paulo: Contexto, 2016.

\_\_\_\_\_. Ler e escrever: estratégias de produção textual. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

KOCH, Ingedore Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Texto e coerência. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

KOCH, Ingedore Villaça. A coesão textual. 6. ed. São Paulo: Contexto, 1993.

LOPES-ROSSI, Maria Aparecida Garcia. O desenvolvimento de habilidades de leitura e de produção de textos a partir de gêneros discursivos. In: LOPES-ROSSI, Maria Aparecida Garcia (Org.). Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos. Taubaté, SP: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Raquel; BEZERRA, M. Auxiliadora. Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002 p. 19-36.

ORLANDI, Eni P. Análise do discurso: princípios e procedimentos. 6. ed. Campinas: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, Michel. (1975). Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. 3. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 1997.

PERFEITO, Alba Maria. Concepções de linguagem, teorias subjacentes e ensino de língua portuguesa. In: SANTOS, A. R; RITTER, L. C. B. Concepções de linguagem e ensino de língua portuguesa. Maringá: UEM, 2005.

RODRIGUES, Rosângela Hames. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem. Abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Desirée. Gêneros: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola, 2007. p. 154-183.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Concepções de linguagem. In: \_\_\_\_\_. Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. São Paulo: Cortez, 1996.

VAL, Maria da Graça Costa. Redação e textualidade. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

VILELA, Mário; KOCH, Ingedore Villaça. Gramática da língua portuguesa: gramática da palavra, gramática da frase, gramática do texto/discurso. Coimbra: Almedina, 2001.

[http://download.inep.gov.br/acoes\\_internacionais/pisa/resultados/2015/pisa2015\\_completo\\_final\\_baixa.pdf](http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/resultados/2015/pisa2015_completo_final_baixa.pdf)